

Revista
SBH
 Saúde, Cultura e Atualizações
 Ano 1 • n. 2 • 2014



Hepatofugal, Hepatopetal

BOLETIM SBH

- Lançamento do Programa de Estímulo à Criação de Centros de Hepatologia na região Nordeste
- O II Fórum de Jovens Pesquisadores da SBH vem aí
- SBH e TAM – Nova parceria!

ARTIGO DE OPINIÃO

O direito de morrer sem dor

VULTOS DA HEPATOLOGIA

Claude Bernard
Fundador da fisiologia hepática moderna

CRÔNICA

Nada contra médicos, mas...

MOMENTO POÉTICO

A poesia de João Cabral de Melo Neto

Editor Revista SBH

Heitor Rosa

Colaboradores

João Galizzi Filho

Joffre Marcondes de Rezende

Rubem Alves

Waldir Pedrosa Amorim

Colaboradores Convidados**Diretoria Biênio SBH 2014-2016****Presidente:** Edison Roberto Parise**1º Vice Presidente:** Cláudio G. Figueiredo Mendes**2º Vice Presidente:** Deborah Maia Crespo**3º Vice Presidente:** Helma Pinchemel Cotrim**Secretário Geral:** Edna Strauss**Secretário Adjunto:** Hugo Cheinquer**1º Tesoureiro:** Isaac Altikes**2º Tesoureiro:** Rodrigo Sebba Aires**Representante Junto à AMB:** Edna Strauss**Comissão Título de Especialista**

Francisco José Dutra Souto

André Castro Lyra

Leonardo de Lucca Schiavon

Comissão de Admissão

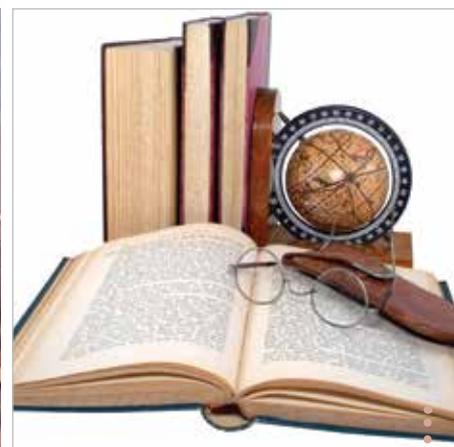
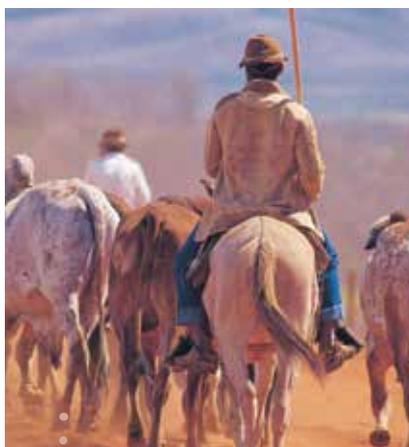
Fernando Wendhausen Portella

Cristiane Alves Villela Nogueira

João Luiz Pereira

**Atha Comunicação e Editora**Coordenação editorial, planejamento,
criação e diagramaçãoJornalista responsável: Ana Carolina de Assis
latha@uol.com.br

O conteúdo dos artigos dessa publicação é de responsabilidade de seus autores, as opiniões apresentadas não refletem necessariamente a opinião desta publicação.

**3 Editorial****4 Carta do Editor****5 Linguagem médica**

Hepatofugal, Hepatopetal

8 Artigo de opinião

O direito de morrer sem dor

10 Crônica

Nada contra médicos, mas...

12 Momento poético

A poesia de João Cabral de Melo Neto

16 Vultos da HepatologiaClaude Bernard – Fundador da fisiologia
hepática moderna**19 Boletim SBH**



Edison Roberto Parise
Presidente SBH 2014/2016
Professor Associado e Chefe do
Grupo de Fígado da Disciplina de
Gastroenterologia da Universidade
Federal de São Paulo.

Prezados,

Estamos chegando ao segundo número da Revista e também completando seis meses à frente da Sociedade Brasileira de Hepatologia. Graças ao apoio de vários colegas temos conseguindo tornar realidade muitas das nossas propostas.

O Programa de Centros de Referência em Doenças de Fígado foi implantado no Nordeste e já está em andamento. As Diretrizes, Consensos e Monotemáticos estão proliferando com qualidade e mantendo o conhecido padrão da SBH. O Simpósio de Hepatologia do Nordeste, que será realizado em João Pessoa no mês de setembro, caminha para ser um dos mais importantes encontros médicos do País.

Além de nossas Diretrizes para Carcinoma Hepatocelular e Tumores Benignos do Fígado, teremos uma importante atualização sobre os futuros tratamentos da hepatite C, temas do dia a dia do consultório não só do hepatologista, mas de qualquer especialidade médica.

Junto com a Sociedade Brasileira de Infectologia será realizado o Curso Básico Multidisciplinar sobre; Diagnóstico, Prevenção e Tratamento das Hepatites Virais. Curso destinado a médicos e profissionais de saúde da atenção primária, ou não especialistas.

Aproveitando o Dia Mundial das Hepatites, A SBH conseguiu o apoio da Associação Médica Brasileira para lançar o Programa de Promoção ao Diagnóstico da Hepatite C junto ao público leigo e à classe médica, com distribuição de cartazes, folhetos (alguns podem ser visualizados na edição desta Revista) além da divulgação na imprensa e realização de vídeo publicitário, para ser veiculado em alguns canais de televisão que nos concedam espaço para tal.

Finalmente conseguimos concretizar a parceria com a TAM, procurando que nosso associado possa comprar suas passagens e também de seus familiares, diretamente pela SBH, ganhando com isso descontos para passagens nacionais e internacionais.

Vamos à leitura... A Revista e o Boletim estão muito interessantes...

Edison Roberto Parise
Presidente SBH 2014/2016



Heitor Rosa

Ex-Presidente da Sociedade Brasileira de Hepatologia. Professor Emérito da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás. Escritor.

Caros amigos e leitores,

Finalmente decolamos a segunda edição de nossa Revista SBH e esperamos alcançar a velocidade de cruzeiro a partir deste número. Estamos fazendo um trabalho de equipe que me deixa muito orgulhoso, com harmonia e profissionalismo.

Para os leitores que cultivam grandes escritores, temos a oferecer um presente do mais alto nível: o nosso novo colaborador, Rubem Alves. É uma honra para qualquer editora ou publicação contar com o texto deste mais querido escritor brasileiro, também Professor Emérito da Unicamp, psicanalista, teólogo, pensador, possuidor de uma incrível legião de leitores. Seja bem-vindo querido amigo. Parabéns à RSBH.

Uma lição para os hepatologistas vem da coluna do Professor Joffre Rezende, com arguta análise dos termos *Hepatofugal*, *Hepatopetal*. Vale a pena discutir o assunto; poucos teriam fôlego para esse tipo de busca linguística. É um grande subsídio para a nômima médica brasileira.

Quem não conhece João Cabral de Melo Neto ou sua obra prima : “Vida e Morte de Severina”? Pois o Waldir Pedrosa, poeta oficial da SBH, nos conta da vida e obra deste gigante da literatura poética do Brasil, numa síntese espetacular.

Como estudantes, sempre fomos apresentados a Claude Bernard como um reverenciado fisiologista, com estudos sobre a digestão e funções hormonais. Numa maravilhosa síntese, Galizzi mostra um retrato de corpo inteiro de fenomenal cientista francês. Um texto para ser guardado.

Qual o médico que nunca percebeu a necessidade da relação “médico-paciente”? Tentei na minha crônica falar sério com certa diversão.

O Boletim da SBH continua nos mantendo atualizados sobre as atividades da diretoria, tendências e contínuos eventos de nossa especialidade, agora bem protegido no seio da Revista.

Grande e fraterno abraço do

Heitor Rosa

Editor

Hepatofugal, Hepatopetal



Joffre Marcondes de Rezende
Professor Emérito da Faculdade de Medicina da Universidade
Federal de Goiás. Membro da Sociedade Brasileira de
História da Medicina.

A partir dos anos 1970, com o aperfeiçoamento dos métodos de imagem utilizados no estudo da hipertensão portal, tornou-se possível a avaliação hemodinâmica da circulação venosa intra-hepática e dois novos termos foram introduzidos na terminologia médica em língua inglesa para indicar a direção do fluxo sanguíneo em relação ao fígado: *hepatofugal* e *hepatopetal*. A primeira publicação indexada pela *National Library of Medicine* com o termo *hepatofugal* data de 1971¹ e com o termo *hepatopetal*, de 1975.²

Hepatofugal significa que o fluxo sanguíneo se dirige para fora do fígado, afastando-se do mesmo, enquanto *hepatopetal* expressa o sentido contrário, isto é, o fluxo sanguíneo está direcionado para o interior do fígado.

Considerando-se o fígado como centro da rede venosa que



o irriga, poder-se-ia igualmente utilizar em inglês as denominações de *centrifugal* e *centripetal*, que seriam naturalmente traduzidas em português por *centrífuga* e *centrípetas*, palavras oriundas do latim, em que *fug-* é raiz do verbo *fugere*, com o sentido de fugir, e *pet-*, raiz do verbo *petere*, que significa aproximar-se.^{3,4}

Autores de língua inglesa usam ainda a forma *hepatopedal* como variante de *hepatopetal*.⁵ O número de ocorrências dessa variante, entretanto, é bem menor do que a de *hepatopetal*. Em 155 artigos indexados pela *National Library of Medicine*, somente 16 empregaram *hepatopedal*.

A substituição de “centro” por “fígado”, expresso pelo radical grego *hepto-*, trouxe maior precisão à terminologia empregada.

“*Hepatofugal significa que o fluxo sanguíneo se dirige para fora do fígado, afastando-se do mesmo, enquanto hepatopetal expressa o sentido contrário, isto é, o fluxo sanguíneo está direcionado para o interior do fígado*”

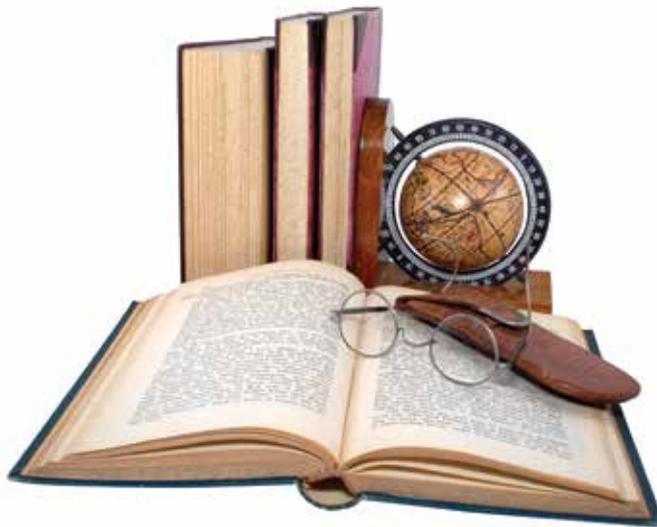
Referências

1. Dietrich WR, Wagner K, Gunther H, Schmidt T. Diagnostic value of esophageal radiography and ammonia tolerance test (ATT) in the diagnostics of hepatofugal collateral circulation in liver cirrhosis. *Z Arztl Fortbild (Jena)* 1971;65:1030-33.
2. Thau A, Bucci L, Ziparo V, Schillaci A. Evaluation of hepatic encephalopathy in portocaval shunts and mesenterico-cava bypass with the jugular vein. *Minerva Chir* 1975;30:449-53.
3. Nascentes A. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 1932; Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves.
4. Nascentes A. *Dicionário da língua portuguesa*. 1967; Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras.
5. Chandler JG, Fechner RE. Hepatopedal flow restoration in patients intolerant of total portal diversion. *Ann Surg* 1983;197:574-83.
6. www.mednet.com.br/instpub/fmtm/discipe/atresvivil.htm. [Acesso em 19 mai 2001].
7. Kazmirik M, Capua Neto A, Favero SSG et al. Estudo comparativo do fluxo portal em portadores de cirrose e esquistossomose através do ecodoppler. *Acta Cir Bras* 1994;9:38-43.
8. Widman A, Oliveira IR, Speranzini MB, Cerri GG, Saad WA, Gama-Rodrigues J. Veia paraumbilical périca: importância hemodinâmica na hipertensão portal por esquistossomose mansônica hepatoesplênica (Estudo com ultra-sonografia Doppler) *Arq gastroenterol* 2001;38(4):221-6.

Por analogia, os aludidos termos podem aplicar-se igualmente a componentes específicos veiculados pelo sangue, tais como ácidos biliares, eletrólitos etc.⁶

Parece óbvio que, se traduzimos *centrifugal* por centrífugo(a) e *centripetal* por centrípeto(a), também deveríamos traduzir *hepatofugal* por *hepatófugo(a)* e *hepatopetal* por *hepatópeto(a)*. No entanto, tal não está ocorrendo, e os autores brasileiros estão incorporando os adjetivos ingleses ao vocabulário médico como se fossem palavras vernáculas.⁷

Além da postura de alienação de nossas elites em relação ao idioma pátrio, poder-se-ia alegar razão fonética no caso de *hepatópeto(a)*, dada a sequência de consoantes oclusivas surdas /p/ e /t/. O mesmo não ocorre, no entanto, em relação a *hepatófugo(a)*, muito mais eufônico do que *hepatofugal*.



É possível que tais neologismos se internacionalizem e sejam adotados também em outras línguas. Nesse caso, passarão a integrar as chamadas “palavras sem fronteira” e teremos de aceitá-los como parte do vocabulário médico, mesmo tratando-se de anglicismos com formas vernáculas equivalentes. Enquanto isso não ocorrer, entretanto, devemos nos posicionar em defesa da identidade de nosso idioma e traduzir corretamente *hepatofugal* por *hepatófugo(a)* e *hepatopetal* por *hepatópeto(a)*.

II Simpósio de HEPATOLOGIA do Nordeste



25 a 27 de
Setembro
2014

Hotel Tropical Tambaú
João Pessoa - PB

Inscrições e informações:

www.sbhepatologia.org.br

Plenitude eventos:

eventos2@plenitudeeventos.com

Tel. (11) 3714 - 3558 / 3763 - 7627

Inscrições:

Sócio da SBH R\$80,00

Residente

Estudante R\$50,00

Pós-graduado

Médico não sócio R\$150,00

O direito de morrer sem dor





Sempre que se fala em eutanásia os seus opositores invocam razões éticas e teológicas. Dizem que a vida é dada por Deus e que, portanto, somente Deus tem o direito de tirá-la. Eutanásia é matar uma pessoa e há um mandamento que proíbe que isso seja feito. Assim, em nome de princípios universais, permite-se que uma pessoa morra em meio ao maior sofrimento.

Pois eu afirmo: sou a favor da eutanásia por motivos éticos. Albert Camus, numa frase bem curta, disse que se ele fosse escrever um livro sobre ética, noventa e nove páginas estariam em branco e na última página estaria escrito “amor”.

Todos os princípios éticos que possam ser inventados por teólogos e filósofos caem por terra diante dessa pequena palavra: “amar”. Deus é amor.

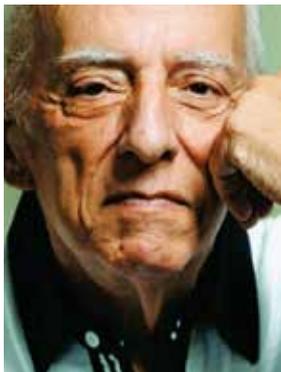
O amor, segundo os textos sagrados, é fazer aos outros aquilo que desejaríamos que fosse feito conosco, numa situação semelhante.

Amo os cães e já tive dezenas. Muitos deles eu mesmo levei ao veterinário para que se lhes fosse dado o alívio para o seu sofrimento. Fiz isso porque os amava, eram meus amigos, queria o seu bem. E eu gostaria que fizessem o mesmo comigo, se estivesse na sua situação de sofrimento.

Defender a vida a todo custo! De acordo. É a filosofia de Albert Schweitzer e a filosofia de Mahatma Gandhi: reverência pela vida. Tudo o que vive é sagrado e deve ser protegido.

Mas o que é a vida? Um materialismo científico grosseiro define a vida em função de batidas cardíacas e ondas cerebrais.

Mas será isso que é vida? Ouço os bem-te-vis cantando: eles estão louvando a beleza da vida. Vejo as crianças brincando: elas estão gozando as alegrias da vida. Vejo os namorados se



Rubem Alves

Bacharel em teologia, Mestre em Teologia e Doutor em Filosofia [PhD], pelo Seminário Teológico de Princeton [EUA] e Psicanalista. Professor Emérito pela Unicamp. É um dos escritores brasileiros mais importantes da atualidade, com mais de 70 livros publicados, tais como crônicas, ensaios e contos, além de ser ele mesmo o tema de diversas teses, dissertações e monografias.

beijando: eles estão experimentando os prazeres da vida. Que tudo se faça para que a vida se exprima na exuberância da sua felicidade! Para isso todos os esforços devem ser feitos.

Mas eu pergunto: a vida não será como a música? Uma música sem fim seria insuportável.

Toda música quer morrer. A morte é parte da beleza da música. A manga pendente num galho: tão linda, tão vermelha. Mas o tempo chega quando ela quer morrer. A criança brinca o dia inteiro. Chegada a noite ela está cansada. Ela quer dormir. Que crueldade seria impedir que a criança dormisse quando o seu corpo quer dormir.

A vida não pode ser medida por batidas de coração ou ondas elétricas. Como um instrumento musical, a vida só vale a pena ser vivida enquanto o corpo for capaz de produzir música, ainda que seja a de um simples sorriso.

Admitamos, para efeito de argumentação, que a vida é dada por Deus e que somente Deus tem o direito de tirá-la. Qualquer intervenção mecânica ou química que tenha por objetivo fazer com que a vida dê o seu acorde final seria pecado, assassinato.

“Que crueldade seria impedir que a criança dormisse quando o seu corpo quer dormir”

Vamos levar o argumento às suas últimas consequências: se Deus é o senhor da vida e também o senhor da morte, qualquer coisa que se faça para impedir a morte, que aconteceria inevitavelmente se o corpo fosse entregue à vontade de Deus, sem os artificios humanos para prolongá-la, seria também uma transgressão da vontade divina. Tirar a vida artificialmente seria tão pecaminoso quanto impedir a morte artificialmente – porque se trata de intromissões dos homens na ordem natural das coisas determinadas por Deus.

A vida, esgotada a alegria, deseja morrer. O que eu desejo para mim é que as pessoas que me amam me amem do jeito como eu amo os meus cachorros.

Quero propor que se acrescente à “Declaração dos Direitos Humanos” um direito que julgo essencial: “Tudo o que vive tem o direito de morrer sem dor”. Esse direito se baseia no segundo princípio ético, segundo Jesus: “Amarás a teu próximo como a ti mesmo.”



Nada contra médicos, mas...



Heitor Rosa

Ex-Presidente da Sociedade Brasileira de Hepatologia. Professor Emérito da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás. Escritor.

Tenho apenas trinta e cinco anos, mas sei que vou morrer em breve. Já tenho idade e estou pronto para isso. A única coisa de que preciso é que algum médico solidário reconheça que meu caso não tem solução. Com tudo o que sinto, necessito de vários tipos de remédios, remédios de verdade, e não aqueles chamados genéricos. Pode parecer um paradoxo estar pronto para morrer e querer remédios, mas pelo menos uma vez na vida, mesmo antes da morte, eu queria me sentir cuidado.

Após consultar apenas jovens e modernos médicos, fiz exames para cada um dos meus sintomas ou um exame para vários sintomas. Desde então conheço todas as máquinas: ultrassom, eletrocardiograma, eletroencefalograma, tomógrafos, ressonância magnética e qualquer outra maquininha de descobrir doença. A medicina moderna ajuda muito, apesar de os médicos não olharem na cara da gente e nem nos examinarem. Ainda bem, pois na verdade detesto que me toquem.

Às vezes pode haver algum constrangimento ao entregar os exames solicitados.

—O senhor já se consultou comigo?
—Sim, vim trazer os exames que o senhor solicitou.
—Desculpe, mas não me lembro...
—Talvez, doutor, seja pelo fato de que o senhor não olhou para mim, possivelmente para não se distrair enquanto tomava notas no computador.
— É, deve ter sido isso.

—*Mas, doutor, nem uma tomografia ou endoscopia?*
—*Nada disso. Que tal uma passagem aérea ou um par de tênis?*

Porém não posso dizer que os jovens não se esforçam. Um deles gastou quase dez minutos para escrever 42 exames de sangue. Como escrevia rápido! Retornei ao consultório com uma apostila de resultados. O diagnóstico me deixou preocupado. Eu tenho deficiência de vanádio e aumento de catalase. Isso explicava tudo. Saí com muita esperança na receita de doze medicamentos, uns para serem tomados sozinhos, outros em conjunto de quatro, antes de me levantar, após me levantar, durante o café, após o café, antes e depois do almoço, no lanche da tarde, após o jantar e ao deitar. Os remédios, todos originais, destinavam-se a melhorar a memória, queda de cabelos, impotência, dor no fígado, intestino preso, gases, refluxo, urina amarela e dores na coluna. São sintomas que podem deixar-me entredado ou matar do coração, se não for um câncer, claro. Foi tudo muito bom para os primeiros quatro dias, porém logo após voltei a me sentir pior e com outros sintomas, provavelmente provocados pelos remédios ou pela morte iminente.

Um amigo íntimo aconselhou-me consultar um médico mais velho ou experiente. Aceitei, com certa desconfiança à sugestão, pois não gosto de coisa antiga, mas a gente também tem de experimentar de tudo.

Fui lá.

Muito estranho. Recebeu-me em pé, apertou minha mão, convidou-me a sentar e, me olhando, fazia uma série de perguntas. De vez em quando, escrevia. Já não gostei, pois parecia uma invasão de privacidade querer saber da minha vida. Era ele médico como os outros ou investigador? O pior estava por vir. Não quis ver as duas pesadas pastas de exames realizados que eu trouxera devidamente organizados por datas e tipos, dizendo que preferia me examinar. Examinar como? Eu queria ter uma microcâmera para gravar o atrevimento daquela pessoa. Pedi-me para tirar a roupa (menos a cueca), colocando-me sobre uma balança como se eu fosse um porco. Obedeci para ver até onde ele queria

chegar. Pelo amor de Dilma! O descarado pôs-me a deitar e começou a me tocar, escutar, palpar minha barriga dando ordens de respiração como se fosse um sargento, pegou nas minhas pernas e, para terminar com aquele cruel constrangimento, apertou meu braço para tomar a pressão. Eu estava arrasado. Eu não ia à praia para não mostrar o corpo e agora estava despido e cutucado.

Quando tudo acabou, até que senti certa simpatia pelo médico à moda antiga (ele devia ter uns sessenta anos), pois mostrara-se educado e gentil. Porém não quis ver os exames que apontavam para o meu fim.

De uma maneira que me pareceu fingida, ele concluiu que eu não ia morrer, que não tinha câncer e precisava de férias. Quem era ele para saber tudo isso sem exames? Minha indignação aumentou quando ele me disse que não precisava deles.

—Mas nem exames de sangue, doutor?

—Não vejo necessidade. O senhor deve ter aí uma fabulosa quantidade de exames e se eles tivessem resolvido o senhor não viria aqui.



“O doente imaginário”, de Molière.

—Mas, doutor, nem uma tomografia ou endoscopia?
—Nada disso. Que tal uma passagem aérea ou um par de tênis? Depois de quase uma hora de consulta, não saí aliviado. Partii sem pedido de exames e, pior, sem a receita com outros remédios. Era meu destino morrer sem cuidados. Ó duvida atroz! Como me decidir entre um jovem moderno, que não me olha nem examina, porém pede todos os exames para todas as doenças, e um outro que conversa e examina e diz não precisar de exames? Qual deles está convencido de que morrerei a qualquer momento?



A poesia de João Cabral de Melo Neto



Waldir Pedrosa Amorim
Hepatologista, poeta de enorme
talento e cultura poética.

Com delicada beleza, a poeta Cecília Meireles erige no poema “Ou Isto ou Aquilo”, a noção dos dilemas intrínsecos à contingência humana.

Ou se tem chuva e não se tem sol,/ ou se tem sol e não se tem chuva!// Ou se calça a luva e não se põe o anel,/ ou se põe o anel e não se calça a luva!// Quem sobe nos ares não fica no chão,/ quem fica no chão não sobe nos ares.// É uma grande pena que não se possa/ estar ao mesmo tempo nos dois lugares!// Ou guardo o dinheiro e não compro o doce,/ ou compro o doce e gasto o dinheiro.// Ou isto ou aquilo: ou isto ou aquilo.../ e vivo escolhendo o dia inteiro! [...]

Deparo-me com essa récita no instante de optar, dentre tantos e bons poetas, brasileiros e estrangeiros, converso com meus botões:

- Tanto melhor! Vou tão somente arrefecer a preocupação com o gosto do leitor e prosseguir.
- “Fácil, pense como leitor”, dizem os meus reflexivos botões, ao que assinto sem esforço, após eleger um tesouro.

Aqui um pouco deste precioso poeta, cujo traço de união consistiu em marcar imperecivelmente a poesia e a literatura de língua portuguesa, João Cabral de Melo Neto (1920-1999). João Cabral de Melo Neto, sobretudo conhecido por seu esplêndido *Morte e Vida Severina*, engajado com a problemática do migrante nordestino, no qual o personagem Severino faz o seu percurso à cidade do Recife. Desesperando-se e até desejando se suicidar, cogita atirar-se às águas do rio, quando é impedido pelo mestre carpina, cujo filho acabara de nascer,

trazendo-lhe o dístico maior da celebração da vida e da esperança. O poema narrativo e dramático alude ao nascimento de Jesus de Nazaré e enquadra-se como um auto de Natal, baseado na realidade indigente dos migrantes nordestinos, que deságuam nas misérias da metrópole imune ao acolhimento. O rio Capibaribe e o homem se confundem num mesmo trajeto e sina, desde sua nascente até a sua foz na metrópole pernambucana, carreando a lama, os dejetos, o lixo, o cão e o boi mortos e confundindo-se no oceano.

Não em vão, o rio na poesia de Cabral adensa-se nos poemas “Cão sem plumas” e “Rio”, coexistindo a temática humana e social, recifense e nordestina. O auto ressurgiu da tradição ibérica que interpenetra Pernambuco, com autos e composições alegóricas, representantes do teatro medieval europeu. Assim o cordel, peça que Cabral esculpe, dando-lhe uma inusitada feição de poesia. Outro auto cabralino, o *Auto do Frade*, narra o momento em que frei Caneca, ou Joaquim do Amor Divino Rabelo, figura proeminente da Revolução Constitucionalista de Pernambuco de 1824, é levado à execução no Forte das Cinco Pontas.

Esses poemas, como assinalado pelo próprio autor, constituem-se em narrativas para vozes. *Morte e Vida Severina*, escrito por encomenda de Maria Clara Machado (1921-2001), grande dramaturga, fundadora do grupo O Tablado no Rio de Janeiro, foi inicialmente publicado e montado pelo grupo do Teatro da Universidade Católica de São Paulo (Tuca), dirigido por Roberto Freire e Silnei Siqueira, com música de Chico Buarque de Holanda.

“João, o poeta que preferia antes de brasileiro ser denominado pernambucano, traz certamente a influência da infância”

Alçou voo e obteve reconhecimento mundial durante uma turnê em 1966. Foi ao cinema em 1976, sob a direção de Zelito Viana. Figura em gravações, desenhos e digitalizações que percorrem o mundo.

João, o poeta que preferia antes de brasileiro ser denominado pernambucano, traz certamente a influência da infância nos engenhos de açúcar no Poço de Aleixo, em São Lourenço da Mata, Pascoal e Dois Irmãos, no município de Moreno, além de uma rara formação política e social. Homem inteirado das coisas ao seu entorno, fortaleceu-se na convivência intelectual. Aos 18 anos, começa a frequentar a roda literária do Café Lafayette, que se reúne em volta de Willy Lewin e do pintor



João Cabral de Melo Neto

Vicente do Rego Monteiro, que regressara de Paris por causa da guerra. É primo, pelo lado paterno, de Manuel Bandeira e, pelo lado materno, de Gilberto Freyre. Em 1940 viaja para o Rio de Janeiro com a família, onde conhece Murilo Mendes, que o apresenta a Carlos Drummond de Andrade e ao ciclo de poetas que se reuniam no consultório de Jorge de Lima. Trava um relacionamento duradouro com Le Corbusier e com o poeta, engenheiro e famoso calculista Joaquim Cardoso. Este último, grande intelectual pernambucano, autor de valiosos poemas que ainda não tiveram a merecida divulgação, mais conhecido como o calculista de Oscar Niemeyer. A regularidade é, sem dúvida, laço (um entre vários) que une Cabral a Le Corbusier, segundo apontam muitos estudos e como o poeta diversas vezes declarou: “Nenhum poeta, nenhum crítico, nenhum filósofo exerceu sobre mim a influência que teve Le Corbusier” (Cabral, 1972, apud Barbosa, 1990b, p.110).

Em 1950, João Cabral lança em Barcelona, pelas Edições l’Oc, um ensaio, intitulado Joan Miró, sobre a arte do pintor catalão. O texto, ilustrado nessa primeira edição com gravuras originais de Miró, trata, em suas linhas gerais, da triangulação entre estética, composição e verossimilhança como fundamentos para a recepção da obra de arte. Empenhado, desde a instituição do assim chamado projeto construtivista, na elaboração de uma dicção poética capaz da maior aproximação possível entre signo e imagem – o cerco ao objeto, no dizer de João Alexandre Barbosa [...] João Cabral situava sempre a representação na confluência entre linguagens (Queiroz, 2008).

É o homem do olhar, do construir o verso, um apreciador das artes plásticas e pouca afeição aos sons e a música, como ele



próprio expressava. Cabral é o precursor do construtivismo na poesia e pode ser considerado da terceira geração do modernismo, sob o prisma cronológico da literatura brasileira. Alguns o entendem, dividindo sua obra numa de comunicação restrita, elaborada e de difícil consumo, e outra, “em uma poesia mais popular, compreensão mais imediata, e comunicação com um público mais amplo e dito menos cultivado”. Nesta última incluem os seus “poemas em voz alta”, para serem lidos em público. De fato, parece não ser essa a linha divisória de sua obra, embora seduza e oferte um mais singular entendimento. Sob o ponto de vista literário, a geração de 1945, da qual faz parte, foi voltada para o *estilo*, e João Cabral deu-lhe ênfase particular, ao diferenciar-se e reforçar historicamente o pioneirismo construtivista, como mencionado. Elaborou a engenharia da palavra descarnando-a, emagre-

cendo-a, impingindo-lhe a feição de “palavras-coisas”, como dizia. Dotou-as de organização formal, decorrentes da inteligência, do trabalho lógico e racional, sem sentimentalismo ou sonhos, mas como observador crítico do real, das coisas à sua volta. Esse resultado tátil e visível da escultura à faca, ao cinzel, está patente em toda a sua obra, excetuando-se algumas publicações iniciais. A nosso ver, é presente tanto na vertente que é fruto de experimentações linguísticas do seu fazer poético, designada como *linha metapoética*, quanto naquela definida como *linha participante*, da qual *Morte e Vida Severina* é a criação representante mais difundida e com a qual dois trechos serão oportunamente transcritos como exemplo. Figurando a linha metapoética, pedimos especial atenção para o exímio poema “Tecendo a manhã”.

Diplomata, João Cabral residiu em vários países, especialmente na Espanha, sobretudo nas cidades de Sevilha e Barcelona. Considerado um dos maiores escritores da língua portuguesa, foi candidato ao Nobel de Literatura. Recebeu, dentre outros, o prêmio Camões, em Portugal, o Neustadt Internacional, nos Estados Unidos, e o Rainha Sofia, na Espanha. Foi membro das Academias Pernambucana e Brasileira de Letras.

Deixo à incumbência do engenho do leitor, uma citação de O. Milosz, que serve de epígrafe ao livro de Gaston Bachelard *A Terra e os devaneios da vontade*, que diz: “Todo símbolo tem uma carne, todo sonho uma realidade.”

Tentar conjugar símbolo e sonho, carne ou víscera e realidade talvez seja um limite ainda parco, mas ajudará a percorrer os matizes iniciais, do muito que temos a dessedentar-nos na obra desse irrepreensível poeta. Assim aguardo.

“Cabral é o precursor do construtivismo na poesia e pode ser considerado da terceira geração do modernismo”

Referências

1. Cabral de Melo Neto, J. *Obra completa*. Org. Oliveira, M. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. Biblioteca Luso Brasileira. Série brasileira.
2. Meireles, C. Ou Isto ou Aquilo. In: *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p. 1.483-4.

3. Queiroz, Rosângela M.S. João Cabral, Miró e a pintura: uma poiesis da imagem. In *Anais do XI Congresso Internacional da Abralic*. São Paulo: 2008 [Disponível em: http://www.abralic.org.br/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/027/ROSANGELA_QUEIROZ.pdf] [Acesso em: 11 jun 2014].

Morte e vida Severina (trecho)

[...]

Somos muitos Severinos
iguais em tudo na vida:
na mesma cabeça grande
que a custo é que se equilibra,
no mesmo ventre crescido
sobre as mesmas pernas finas
e iguais também porque o sangue,
que usamos tem pouca tinta.
E se somos Severinos
iguais em tudo na vida,
morremos de morte igual,
mesma morte severina:
que é a morte de que se morre
de velhice antes dos trinta,
de emboscada antes dos vinte
de fome um pouco por dia
(de fraqueza e de doença
é que a morte severina
ataca em qualquer idade,
e até gente não nascida).
Somos muitos Severinos
iguais em tudo e na sina:
a de abrandar estas pedras
suando-se muito em cima,
a de tentar despertar
terra sempre mais extinta,
a de querer arrancar
alguns roçado da cinza.
Mas, para que me conheçam
melhor Vossas Senhorias
e melhor possam seguir
a história de minha vida,
passo a ser o Severino
que em vossa presença emigra. [...]

O Sertanejo Falando

A fala a nível do sertanejo engana:
as palavras dele vêm, como rebuçadas
(palavras confeito, pílula), na glâce
de uma entonação lisa, de adocicada.
Enquanto que sob ela, dura e endurece
o caroço de pedra, a amêndoa pétrea,
dessa árvore pedrenta (o sertanejo)
incapaz de não se expressar em pedra.
Daí porque o sertanejo fala pouco:
as palavras de pedra ulceram a boca
e no idioma pedra se fala doloroso;
o natural desse idioma fala à força.
Daí também porque ele fala devagar:
tem de pegar as palavras com cuidado,
confeitá-las na língua, rebuçá-las;
pois toma tempo todo esse trabalho.

*E se somos Severinos
iguais em tudo
na vida,
morremos de morte
igual,
mesma morte
severina*

O Cão Sem Plumas

A cidade é passada pelo rio
como uma rua
é passada por um cachorro;
uma fruta
por uma espada.
O rio ora lembrava
a língua mansa de um cão
ora o ventre triste de um cão,
ora o outro rio
de aquoso pano sujo
dos olhos de um cão.
Aquele rio
era como um cão sem plumas.
Nada sabia da chuva azul,
da fonte cor-de-rosa,
da água do copo de água,
da água de cântaro,
dos peixes de água,
da brisa na água.
Sabia dos caranguejos
de lodo e ferrugem.
Sabia da lama
como de uma mucosa.
Devia saber dos povos.
Sabia seguramente
da mulher febril que habita as ostras.
Aquele rio
jamais se abre aos peixes,
ao brilho,
à inquietação de faca
que há nos peixes.
Jamais se abre em peixes.

Os poemas selecionados de João Cabral de Melo Neto, foram coligidos de *Obra Completa*, volume único, de João Cabral de Melo Neto, com organização de Marly de Oliveira (Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. Biblioteca Luso Brasileira. Série Brasileira).



"A Aula", por Léon Augustin L'hermitte.
Bernard está circundado por colegas e auxiliares

Nas pegadas dos imortais

Claude Bernard – “Fundador da fisiologia hepática moderna”

O outrora rentável negócio do vinho tornou-se ruim após a “queda” de Napoleão em 1813-15, e os tempos eram difíceis na região de Saint-Julien, vilarejo situado no Department de Rhône, sudeste da França. Em 12 de julho de 1813 nascia Claude, filho de Jean-François Bernard, um pequeno plantador da região vinícola de Beaujolais, e de sua prima de primeiro grau Jeanne Saunier, que recebera de seu pai, como dote, um chalé e vários hectares de vinhas.

O início da vida escolar foi pouco promissor, chegando mesmo a decepcionar os pais. Pouco a pouco, no entanto, o jovem Claude passou a revelar grande interesse pelo romantismo, especialmente a arte e a literatura, mais que pelas matérias estritamente curriculares. Passou a interessar-se também por filosofia, especialmente pelos textos de René Descartes, que o influenciaram de modo marcante, despertando-o para a importância da “dúvida” e a questão da “verdade”. A convite de um amigo, mudou-se para Lyon em 1830, iniciando o aprendizado em farmácia. No entanto, o gosto pela literatura e a arte de escrever alimentavam o sonho de redigir uma peça, e a dramaturgia acabou se tornando a atividade que exerceu com prazer e sucesso, já vivendo em Paris desde 1832. O interesse pela medicina foi mais forte, e, voltando aos estudos, Bernard ingressou no curso médico, graduando-se em 1843, aos 29 anos, no famoso Collège de France. Reprovado em exames para professor na Faculdade de Medicina, pensou seriamente em abandonar os projetos de ser pesquisador e ganhar a vida como médico na zona rural.



João Galizzi Filho
Hepatologista mineiro, estudioso da história desta especialidade, conta sobre os grandes personagens da Hepatologia mundial

Incentivado por dois amigos que viam no enlace uma oportunidade de garantir sua carreira acadêmica, Claude Bernard casou-se em 1845, “por conveniência”, com Marie-Françoise (Fanny) Martin, filha de prestigiado médico de Paris, que recebeu dote de 60 mil francos. O casal teve três filhos, Louis-Henri – falecido aos três meses de idade, Jeanne e Marie Luise. Bernard teve vida doméstica sempre muito tumultuada, afastando-se paulatinamente da família até a traumática separação em 1868.

Dedicou-se especialmente ao estudo e à pesquisa de fisiologia, inicialmente sob influência de François Magendie, expoente da fisiologia experimental na França. Tornou-se professor no *Collège de France*, desenvolvendo investigações científicas sobre a fisiologia da digestão, com ênfase nas funções exócrinas do pâncreas, as secreções gástricas e as funções intestinais. Outras contribuições científicas de destaque foram a descrição dos fenômenos de vasodilatação e de vasoconstrição através da mediação de nervos vasomotores e estudos sobre os efeitos do curare no sistema neuromuscular. Investigou ainda a fisiologia dos nervos sensoriais, das cordas do tímpano e do líquido cefalorraquidiano.

Desenvolveu conceitos de homeostase ou estabilidade controlada do meio interno (*milieu interne*) ou ambiente interno de células e tecidos, fundamental contribuição ao entendimento dos mecanismos fisiológicos da vida orgânica. Seus experimentos sobre o controle neurológico do metabolismo, da circulação sanguínea e da respiração revelaram como alguns sistemas fisiológicos funcionam com mecanismos de mútuo controle, com a inovadora noção de “*feedback control loops*”, base da cibernética, ciência do controle sistêmico surgida um século depois. Bernard notabilizou-se pelo rigor científico e pela grande capacidade de desenvolver metodologia e técnicas de pesquisa em fisiologia, sendo autor do importante livro “Introdução ao Estudo da Medicina Experimental”, publicado em 1865 e ainda hoje uma referência para estudantes de ciências naturais, medicina e filosofia. Suas reflexões, pensamentos e ideias sobre

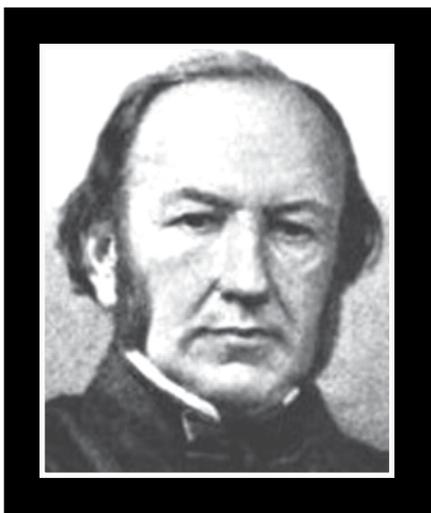
pesquisa estão também expressas em seu “Cahier Rouge” e em seus “Pensées – Notes Détachés”.

Notáveis contribuições à fisiologia hepática vêm sobretudo de estudos a partir de 1843, com a demonstração de que a digestão gástrica da cana-de-açúcar e do amido resultava em formação de glicose rapidamente absorvível. Para descobrir como era a distribuição da glicose no organismo utilizou, anos mais tarde, sensível método analítico de redução de cobre, surpreendendo-se ao encontrar o açúcar em sangue humano e de animais submetidos a dieta completamente livre de carboidratos, ainda que tivessem feito jejum por vários dias. Tal achado sugeria, em princípio, a possibilidade de que alguma glicose estaria sendo sintetizada no próprio corpo!

Claude Bernard foi, ao lado do amigo e contemporâneo Louis Pasteur, um dos mais importantes fisiologistas e cientistas médicos da história da França

Analisou, então, amostras de sangue obtido de vasos sanguíneos abdominais de animais mantidos em jejum, detectando significativos níveis de glicose no sangue das veias hepáticas e também no que chegava ao fígado pela veia porta. Tal fato era surpreendente, pois não se esperava detectar nutrientes nas tributárias da veia porta drenando os intestinos. Observou também que a glicemia na veia porta continuava elevada mesmo após ligadura de seus ramos afluentes entre o intestino e o fígado. Este órgão deveria ser, portanto, a fonte do açúcar, que chegaria ao sangue portal por fluxo retrógrado. Analisou, a seguir, amostras de tecido hepático de várias espécies de animais, como peixes, répteis e pássaros, observando grandes quantidades de glicose nos fragmentos examinados, ao contrário dos outros órgãos, nos quais o açúcar estava ausente. A impressão de que o fígado pudesse sintetizar glicose contrariava a crença de que a função do órgão era a secreção de bile, numa época em que predominava o aforismo “cada órgão tem apenas uma função”. Acreditava-se também que “os animais não podiam sintetizar nutrientes”, propriedade reconhecida somente em vegetais. Uma alternativa seria considerar que o fígado apenas armazenasse a glicose, até que ela fosse requisitada pelo organismo.

Seguiram-se experimentos com estimulação de fibras vagais pela introdução de agulha no assoalho do quarto ventrículo cerebral de animais, observando-se marcante e transitória



Claude Bernard



elevação da glicemia que durava até 24 horas. Por um lado, a elevação da glicose não dependia apenas da estimulação vagal, pois ocorria mesmo após prévia secção dos nervos. Por outro, seccionando a medula espinhal acima da emergência dos nervos esplâncnicos constituídos por fibras simpáticas, Bernard observou o bloqueio da elevação da glicemia, concluindo, erroneamente, que os nervos simpáticos teriam uma ação direta sobre o fígado. Descobriu-se, décadas depois, que a estimulação simpática liberava adrenalina nas terminações nervosas, com subsequente surgimento de glicose a partir do fígado.

O fígado de um animal utilizado no dia anterior em estudos sobre o conteúdo em glicose e inadvertidamente deixado sobre a bancada do laboratório por seu assistente possibilitou mais uma intrigante descoberta. Bernard resolveu novamente analisar o conteúdo em glicose de várias amostras do órgão, surpreendendo-se ao perceber maiores concentrações de açúcar que no dia precedente. Tal achado sugeria, pela primeira vez, que o fígado seria capaz de sintetizar glicose, e não apenas de armazená-la! Seguiram-se experimentos de perfusão em que Bernard injetava água sob pressão na veia porta e colhia amostras de sangue das veias hepáticas, até que nenhuma glicose fosse detectada nas amostras. Tal procedimento foi repetido um dia depois no mesmo órgão, detectando-se novamente glicose no sangue das veias hepáticas em concentrações até superiores às do dia prévio. Este achado era a prova de que o fígado não apenas armazenava glicose, mas a sintetizava também, descoberta que revolucionava os conhecimentos sobre o metabolismo de açúcar e sobre as funções do órgão, constituindo-se nos pilares da moderna fisiologia hepática e dos atuais conceitos de que o fígado é o órgão central do metabolismo intermediário e “central elétrica do organismo”. A descoberta destruía também o antigo

conceito “um órgão, uma função” e a crença de que os animais seriam incapazes de sintetizar nutrientes. Mesmo não se tratando de um hormônio, a compreensão de que a glicose seria produzida em um determinado órgão e secretada na circulação sanguínea para agir a distância abriu as portas para os futuros conceitos de “glândulas de secreção interna”, primeiro passo para definir o sistema endócrino.

Os novos estudos visavam, agora, descobrir o precursor químico da glicose no fígado, que recebeu o nome de glicogênio mesmo antes de sua identificação.

Claude Bernard foi, ao lado do amigo e contemporâneo Louis Pasteur, um dos mais importantes fisiologistas e cientistas médicos da história da França, exercendo enorme influência em subsequentes gerações de pesquisadores médicos em todo o mundo. Com uma carreira acadêmica com revezes e muitos êxitos, acabou grandemente reconhecido, sendo condecorado pela Academia de Ciências com o *Grand Prix* em Fisiologia em 1849, 1851 e 1853 pelas principais descobertas científicas. Tornou-se membro da Academia Francesa de Ciências e assumiu a Cadeira de Fisiologia Geral na Faculdade de Ciências da Sorbonne em 1854. No ano seguinte foi indicado Professor de Medicina no *Collège de France*. Entre 1861 e 1865 foi nomeado para a Academia Francesa de Medicina, a Academia Francesa de Ciências (em substituição a Jean Pierre Flourens) e a *Legion d'Honneur* (como Chevalier e depois como comandante). Finalmente, foi eleito Senador vitalício da França em 1869 e emprestou seu nome a uma das universidades de Paris.

A partir do segundo semestre de 1877 Bernard tornou-se progressivamente enfraquecido, vindo a falecer em Paris em 10 de fevereiro de 1878, sem a presença das filhas. Foi o primeiro cientista francês a ter um funeral patrocinado pelo Estado, sendo enterrado no célebre cemitério *Père Lachaise*, na Cidade Luz.

.....

Referências

1. Wise P. www.claude-bernard.co.uk
2. Sabbatini RME. *Brain & Mind Magazine* 1998.
3. Conti F. Claude Bernard: primer of the second biomedical revolution. *Nat Rev Mol Cell Biol* 2001;2(9):703-8.
4. WhoNamedit: Claude Bernard

Boletim SBH

Lançamento do Programa de Estímulo à Criação de Centros de Hepatologia na região Nordeste

A Sociedade Brasileira de Hepatologia lançou o Programa de Estímulo à Criação de Centros de Hepatologia na região Nordeste, mais precisamente na cidade de João Pessoa. Este projeto busca ampliar a visibilidade da hepatologia no cenário médico nacional, atraindo jovens médicos em formação para sua prática, bem como atingir a população, clarificando que o hepatologista é o responsável pelo tratamento das doenças do fígado.

Analisando a carência de especialistas, fato que ocorre em todo o País, porém de modo mais intenso na região Nordeste, a SBH inicia esse conjunto de ações, que será ampliado de modo progressivo por todas as regiões do Brasil, articulando o apoio aos centros de referência de tratamento das doenças do fígado com as instâncias formadoras e com as secretarias de saúde. A participação destas, tanto estaduais quanto municipais, é essencial para que médicos não especialistas sejam atraídos para o cuidado do hepatopata e também para que

postos de trabalho sejam criados e estruturados para os novos hepatologistas, garantindo assim a fixação dos mesmos na região Nordeste e a interiorização de assistência ao paciente de qualidade.

Nesse sentido, o lançamento ocorrido no auditório do Hospital Universitário da Universidade Federal da Paraíba, contou com a palestra do Presidente da SBH, Prof. Edison Parise, que apresentou o papel da hepatologia e dados que demonstram a sua importância no tratamento de patologias prevalentes e de grande impacto, como hepatites virais, doença hepática gordurosa não alcoólica, alcoolismo e câncer de fígado. O representante público presente, composto de residentes de gastroenterologia, hepatologia, infectologia e clínica médica, dentre outras, das direções dos hospitais que atendem especificamente pacientes hepatopatas, das sociedades de gastroenterologia e infectologia, da ONG Confiantes no Futuro (representando os pacientes com doenças do fígado), dos diretores da rede de



Prof. Benedito Bruno, Presidente da Sociedade Brasileira de Infectologia – PB; Dra. Adriana Teixeira, Diretora do Hospital Clementino Fraga (especializado em doenças Infecto-contagiosas); Prof. Edmundo Lopes, Presidente eleito da SBH; Prof. Arnaldo Medeiros, Superintendente do Hospital Universitário Lauro Wanderley – UFPB; Dr. Waldson Dias de Souza, Secretário de Estado da Saúde – PB; Prof. Edison Parise, Presidente da SBH; Prof. José Eymard Filho, Coordenador do Ambulatório de Hepatologia do HULW – UFPB; Dr. Gláucio Nobrega, Presidente da Sociedade de Gastroenterologia e Nutrição da Paraíba (esq. p/ dir.).



atenção a DST/Aids, além do secretário de saúde do Estado da Paraíba, ouviu com atenção os dados demonstrados. Na oportunidade o secretário assumiu o compromisso de apoiar as ações a serem desenvolvidas e viabilizar a estruturação das unidades de atendimento ambulatoriais e hospitalares com a inclusão de postos em concursos para médicos hepatologistas, gerando a demanda que estimulará ainda mais a procura de residentes pela especialidade.

Em sintonia com este conjunto de ações, a SBH viabilizou no final de abril a permanência de um grupo de dez médicos de vários Estados da região Nordeste, para conhecerem centros de referência na assistência e pesquisa em hepatologia na cidade de São Paulo, bem como viabilizou a locação de aparelhos de elastometria hepática que percorrerão de modo sucessivo os Estados da região, tanto nas capitais quanto nos grandes polos do interior, mostrando, além da atividade

tradicional de atendimento clínico, a existência de procedimentos e de novas tecnologias incorporadas na assistência ao hepatopata.

Essa fase inicial do programa será reforçada pela realização do II Simpósio de Hepatologia do Nordeste na cidade de João Pessoa, entre os dias 25 e 27 de setembro deste ano, quando também ocorrerá a realização da Diretriz da Sociedade Brasileira de Hepatologia para o Diagnóstico e Tratamento do Carcinoma Hepatocelular. Tendo em vista o crescente interesse em hepatologia demonstrado pelo sucesso do I Simpósio em Aracaju, SE (2012), temos a certeza de que aumentaremos de modo significativo o número de inscritos e o foco da Hepatologia na região, consolidando ainda mais o nosso papel e a nossa luta em busca do reconhecimento como especialidade.

Contamos com a sua valorosa presença!

O II Fórum de Jovens Pesquisadores da SBH vem aí

Ainda este ano realizaremos, em São Paulo, a segunda edição do Fórum de Jovens Pesquisadores da SBH, um evento que foi um sucesso em 2012 e superou todas as expectativas. Vamos promover novamente o encontro, com a finalidade de conhecer e estimular os jovens talentos da Hepatologia Brasileira. Os participantes terão a oportunidade de apresentar as pesquisas que estão desenvolvendo em suas instituições, de debater os temas com *experts* das diversas áreas da Hepatologia,

além de concorrer à premiação para os melhores trabalhos. Sugerimos a todos que já se programem para mais esta atividade patrocinada pela SBH, preparem seus resumos para a nova edição do Fórum de Jovens Pesquisadores. Em breve enviaremos a data, local e demais orientações para a submissão dos trabalhos.

Contamos com vocês, Jovens Pesquisadores!
A Comissão Organizadora do II FJP-SBH

SBH e TAM – Nova Parceria!



A SBH deu início à parceria com a Companhia Aérea TAM para disponibilizar desconto aos nossos associados na emissão de passagens aéreas nacionais e internacionais. O serviço está disponível através de um *link* na área restrita de nosso site. Para ter acesso ao desconto, efetue o *login* no site da SBH e clique no *link* disponível da TAM. A plataforma para emissão de passagens é idêntica à do site da companhia e o desconto será aplicado automaticamente.

Os descontos variam de 5% para voos domésticos a 17% em voos internacionais. Em breve enviaremos instruções para que possam usufruir de mais este benefício.

TAM Companhia Aérea Oficial dos Eventos da SBH

Para o Simpósio de Hepatologia do Nordeste a ser realizado entre os dias 25 e 27 de setembro de 2014 na cidade de João Pessoa – PB será disponibilizado desconto de 25% nas emissões feitas diretamente no site da TAM com o código promocional: 497249

Agenda de eventos

Monotemático Internacional Métodos não Invasivos e XVII Hepatologia do Milênio em 2014

23 a 25/07/14 - Local: Salvador - BA

VI Joint Meeting Liver & IBD

04 a 06/08/14 - Local: Montevideu - Uruguai

VII Encontro Internacional de Hepatologia - USP | Universitat de Barcelona

28 a 30/08/14 - Local: São Paulo - SP

Workshop Internacional de Atualização em Hepatologia

29 a 30/08/14 - Local: Curitiba - PR

XXIII Congreso de la Asociación Latinoamericana para el Estudio del Hígado

11 a 13/09/14 - Local: Cancún, México

II Simpósio de Hepatologia do Nordeste e Diretriz de Carcinoma Hepatocelular

25 a 27/09/14 - Local: João Pessoa - PB

Diretriz de Doença Gordurosa não Alcoólica

10 a 11/10/14 - Local: São Paulo - SP

Fórum de Jovens Pesquisadores da SBH e Reunião de Diretrizes de Doenças Colestáticas e Hepatite Auto Imune

17 a 18/10/14 - Local: São Paulo - SP

AASLD The Liver Meeting 2014

07 a 11/11/14 - Local: Boston - Massachusetts

SBAD - Semana Brasileira do Aparelho Digestivo

22 a 25/11/14 - Local: Rio de Janeiro - RJ

SE VOCÊ TEM
45 anos
OU +
Isto é com você !

HEPATITE C

Silenciosa e
Perigosa

**FAÇA O
TESTE!**

Apoio:



Realização:



SE VOCÊ TEM PACIENTES
NASCIDOS ENTRE

1945 & 1970

Isto é com você !

HEPATITE C

Silenciosa e
Perigosa

PEÇA O TESTE!

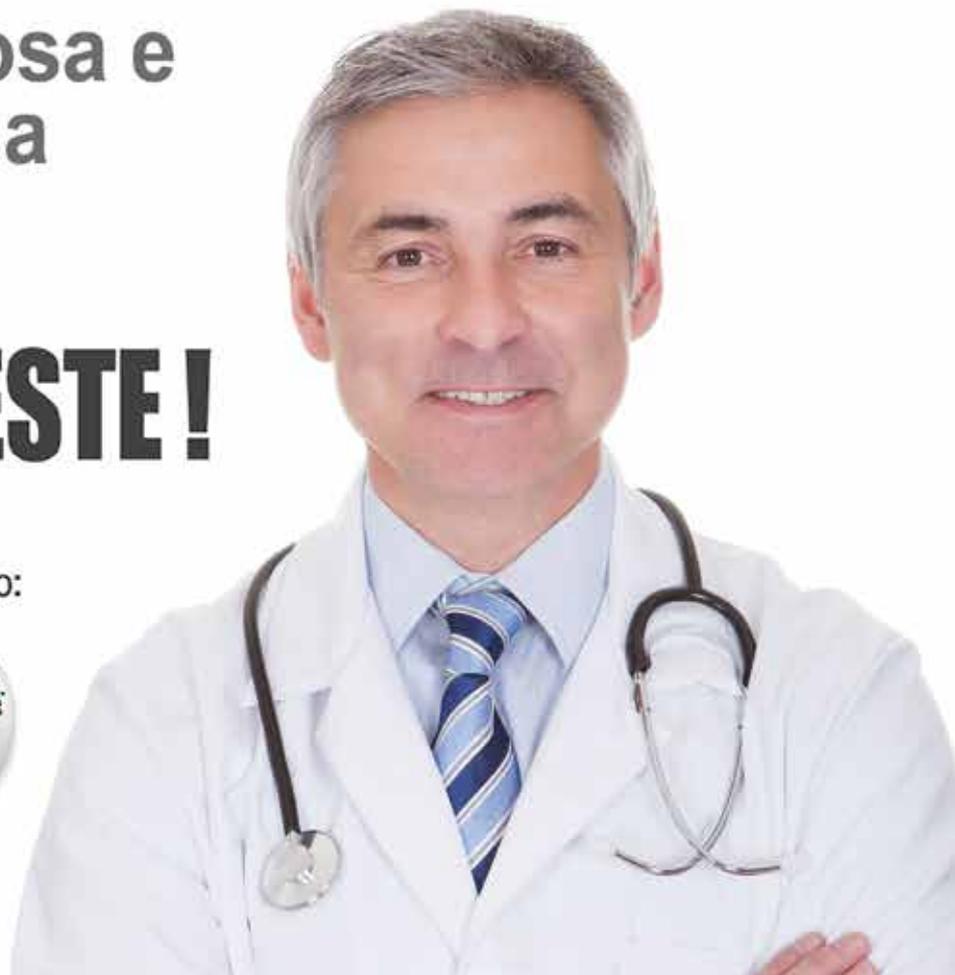
Apoio:



Realização:



www.tudosobrefigado.com.br



Novidade!



Sociedade Brasileira
de Hepatologia
desde 1967

O portal da **SBH** **está de cara nova!**

Mais funcional...

Mais moderno...

*Otimizado para
dispositivos móveis...*



*E com a tradicional e reconhecida qualidade da
Sociedade Brasileira de Hepatologia!*

Venha conhecer!

www.sbhepatologia.org.br

Seus dados de acesso continuam os mesmos